ADVERTENCIA DA EMPREZA.

A distribuição começa hoje quinta feira ás 8 horas da manhã, aos Srs., que o mais tardar quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no Escriptorio da Revista, Rua dos Fanqueiros N.º 82, para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

PROGRESSO DA CULTURA DA SEDA.

2070 Com alegria annunciamos, que a salvadora industria da seda parece ir principiando a lançar raizes, com grande força, na terra portugueza.

O Sr. *Tinelli*, durante a sua breve demora em Lisboa n'estes ultimos dias, teve a officiosa bondade de nos mostrar mais de quarenta cartas, que para o Porto lhe escreveram de mui diversas partes do reino, com referencia aos seus artigos na *Revista*, consultando-o sobre muitas coisas praticas concernentes á cultura da amoreira, á escolha e creação de bicho, ao modo de fiar, tecer e tingir a seda, etc., ás quaes todas S. S.ª respondêra promptamente e com a melhor vontade.

Do mesmo Sr. soubemos que já escrevêra para Italia, mandando vir uma insigne fiandeira de seda, para servir de mestra ás do Porto e que dentro em pouco deve chegar, assim como que a plantação das amoreiras de boa especie vae crescendo a olhos vista nas provincia do Minho e Traz-os-Montes.

Ha-de ser difficil incontrar zêlo intelligente mais activo que o do Sr. *Tinelli*. A prosperidade da seda nos Estados-Unidos é d'isso uma prova irrefragavel; esperamos que Portugal, tão mais favorecido da natureza, virá a apresental-a ainda mais explendida, quando despachado pelo nosso Governo o utilissimo requerimento publicado em o nosso artigo 1740, o illustre estrangeiro tiver o terreno, de que necessita para desinvolver os seus vastos projectos.

DA FABRICAÇÃO DA MANTEIGA.

2071 Já no meu primeiro artigo(n.º1980)fiz por mostrar a grande vantagem, que haveria em se fabricar aqui a manteiga necessaria para abastecer o mercado, e o quanto aquella industria é lucrativa. E aconselhei a formação d'uma companhia para este commercio em grande; mas como a idéa de associação está entre nós tão desacreditada pelas perdas que teem soffrido as companhias, todos a companhias tomaram medo, e assim provavelmente nunca se esta formará. ¿Mas como será possivel que ellas entre nós prosperem, emquanto as suas direcções forem entregues a homens inteiramente alheios dos negocios, em que vão entrar? Vejam-se os grandes disparates que teem feito os Srs. directores da companhia das lezirias, e observe-se se não teem dado mais do que sobejas provas da sua completa ignorancia em agricultura. ¿E como poderia ser lavrador quem nunca saíu das ruas de Lisboa, e apenas terá ido a Cintra passar o verão?... Mania velha é já esta nossa de querermos ser omniscientes, e que todos o sejam. A esta principal razão accresce a da grande despeza do luzido estado maior: sem o qual parece que não é possivel haver estabelecimentos cá na nossa terra. Grande escriptorio com reposteiros encarnados n'um primeiro andar, e no sitio mais caro; grandes ordenados de direcção, secretarios, amanuenses e tudo á força de dinheiro. Acabe-se com este luxo desnecessario, trabalhem aquelles que teem mais interesse em que a companhia prospere, e trabalhem gratis; estabeleçam-se intelligentes direcções, e logo as emprezas prosperarão e os accionistas tirarão bom juro dos seus fundos. Mas emquanto forem directores das companhias homens sem conhecimento algum dos negocios de que vão tractar, e que para alli entram com a mira na competente dose pecuniaria, hão-de as nossas companhias especiaes prosperar tanto, como ha-de tambem prosperar uma grande companhia que ahi ha n'esse mundo chamada Portugal com os seus directores de S. Bento, emquanto elles ganharem a esportula dos 2880 réis! A experiencia os convencerá da verdade das minhas asserções: volto ao assumpto.

É realmente bem para lamentar que Portugal careça de importar tantos mil arrateis de manteiga, como ainda importa actualmente, e que por ella se nos vão embora tão bons cruzados novos, que nos dão um adeus eterno.

Bem pouco é para admirar que sejamos taxados pelos estrangeiros de gente desmaselada, porque para fabricar muita manteiga tinhamos nós todas as proporções, boas qualidades de vaccas, bons terrenos para produzirem pastagens, e no qual se dão admiravelmente as plantas de que se costumam formar os prados artificiaes.

Mostrei já quanto esta industria seria proveitosa especialmente para os nossos lavradores, para elles appello, e os instigo hoje a que façam cessar tão escandaloso disperdicio, promovendo nas suas herdades a creação das vaccas. Com estas terão abundantemente com que fertilisem suas terras, e insensivelmente farão desapparecer do mercado a manteiga estrangeira.

Eu que pela propria experiencia tenho colhido noções assás claras sobre tal objecto, passarei a emittir n'este artigo conhecimentos praticos, para que á mingua de luzes não deixe alguem de realisar o meu alvitre.

O primeiro cuidado de quem quizer ter manada de vaccas turinas, seja tractar de fazer os prados artificiaes para as sustentar, sem o que não terá nada feito; e calcular o numero de geiras que ha-de semear ou plantar pelo numero de vaccas que quizer ter. Deve-se destinar um terreno, que produsa não só o pasto necessario para as vaccas comerem durante o verão, mas ainda para colher e seccar para feno para o inverno. No norte uma geira de terreno sustenta um vacca todo o anno, porém aqui em Portugal não é sufficiente, e arbitramos geira e meia para manter bem uma vacca: porque para uma vacca dar bastante leite, e por muito tempo é necessario que nunca lhe falte sustento abundante: e continuando-se-lhe este de inverno por meio de fenos, dá tanto leite como de verão. Sendo porém um estabelecimento d'esta ordem em ponto grande, alguma differença fará este calculo; por exemplo para quarenta vaccas serão sufficientes cincoenta geiras de terreno.

Quanto á qualidade de pastagens aconselharei como

mais util a luzerna, que é para tal mistér a planta mais util que se conhece. Esta deve ser semeada em alfôbre, e depois transplantada para terrenos que devem ter sido bem abertos, e livres d'outras raizes. Uma vez feita a plantação, conserva-se por muito tempo, e só passados annos é que será perciso reformal-no todo, ou em parte. As plantações devem vigorar, pelo menos, por espaço de cinco annos. A producção d'esta planta é espantosa. Nos terrenos onde se póde regar, dá esta planta um bom côrte de quinze em quinze dias; mas produz egualmente bem sem ser regada, com a differença de serem os côrtes só de vinte em vinte dias. — O *esparceto* é egualmente bom para a sustentação das vaccas: mas não produz tanto como a luzerna; dá-se bem em qualquer terreno, por mais ingrato que seja, e tem a propriedade especial de tornar fecundo o em que se tem semeado por alguns annos. — A batarraba é tambem geralmente usada, mas essa não a dou eu por tão util, não porque deixe de fazer com que as vaccas deem abundancia de leite, mas como abunda muito em assucar, sáe o leite muito doce, e contém poucas partes oleosas: razão porque será menos a manteiga. N'este caso está tambem a folha do milho, de que muitos usam. O feno d'esta planta é de fraca nutrição. — O almeirão ou chicoria brava (chycoreum intybas) é optimo para sustentar as vaccas, e está no caso de lhes fazer dar muita manteiga pelas muitas partes oleosas que em si contém. Cresce esta planta naturalmente nos campos e sem cultura alguma, mas seria muito util que se cultivasse. Na Prussia e em toda a Allemanha o semêam para os gados em abril e maio; e quando tem chegado á altura de cinco palmos corta-se, e se faz outra egual colheita no fim do outono. Tem esta planta a vantagem de crescer em terras fracas e arenosas, elevando-se a uma altura consideravel e sendo muito abundante em folhagem. — Conviria bem que esta cultura se generalisasse, até porque pouca despeza requer; estrumando-se porém o terreno, será a producção maior e poderá dar quatro colheitas no anno. Em França e Allemanha e muito principalmente na Prussia costuma-se fazer uma bebida das raizes d'esta planta muito similhante ao café, arrancando-as depois da ultima colheita, seccando-as ao sol e torrando-as. Os pobres a tomam só misturada com leite, mas querendo dar-lhe um verdadeiro gôsto de café de Mocka, se mistura com uma porção egual d'este. É bebida muito medicinal, e se se generalisasse, faria diminuir a importação do café.

Pedro de Roure Pietra.
(Continuar-se-ha).

MODO DE FABRICAR O ASSUCAR.

Já publicámos no artigo 2029 a resposta do Sr. Roure Pietra sobre o modo de fabricar o assucar, mas porque a materia é ou póde vir a ser interessantissima agradecemos e não queremos desapproveitar, a que depois nos foi enviada por um pharmaceutico distincto, e cujo resumo se vae ler: —

2072 Primeiro que se empreendam trabalhos, convem reflectir, e calcular bem as regras da economia, e harmonisal-as com as da conveniencia, sem o que as consequencias serão sempre as que se podem esperar de planos mal calculados.

Se o correspondente tivesse á mão a nova encyclopedia, acharia no artigo assucar, quanto bastava para orientaI-o. Entretanto poderá tirar algum proveito das seguintes observações, applicando-as a varias substancias indigenas.

Extracção de assucar de canna nas Indias orientaes e occidentaes. — É cortada a canna, quatro ou cinco mezes antes da florescencia, a sua altura é então de doze a dezoito pés; côr amarellada, e o succo mui doce; contém de seis a quinze por cento de assucar; desfolham-se as cannas, e se extrae o succo esmagando-as entre cilindros, que se poem em movimento pela força de cavallos, ou de bois. Ao residuo chamam bagaço. Contém bastante agua, assucar christalisavel, assucar liquido, uma pouca de gomma, formento, albumina ou fecula verde, e alguns saes. Procede-se immediatamente ao cosimento d'este liquido para evitar a fermentação.

Esta operação se pratica em caldeiras de ferro ou cobre estanhado; adiccionando-lhe uma pequena porção de cal extincta: a albumina se coagúla e reune á superfice em fórma de espuma que se lhe tira; continua-se a fervura até que o liquido marque 24° a 26° do Areómetro. Dizem que basta lançar uma pouca de casca de theobroma guazuma n'este liquido fervendo para o clarificar instantaneamente. Em todo o caso filtra-se atravéz d'um coador de lã; deixa-se repousar por 6 ou 8 horas; decanta-se então para separar algumas materias terreas; continua-se a evaporar até á consistencia de um xarope mui espesso: n'este periodo a sua temperatura é de 110.° Põe-se o xarope em bacias chamadas refrigeratorias, e d'estas se lança em caixas com differentes furos, tapadas com rolhas de páu involvidas em palha de trigo; passadas 24 horas, quando principia a christalisar agita-se para favorecer a solidificação; cinco ou seis horas depois destapam-se os furos, para escoar o xarope não christalisado, o qual se submette a uma nova evaporação; o assucar solido obtido nas caixas, se expõe ao ar por alguns dias até seccar, sendo este o que chamam assucar bruto.

O processo que fica descripto para a extracção do assucar de canna póde ser applicado a todas as gramineas.

Assucar de Batarraba. — Raspam-se as batarrabas; reduzem-se a pôlpa, e submettem-se á expressão forte. Obtem-se por este meio 65 a 75 por cento de succo, o qual marca de 5.° a 11.° do areómetro de Beaumé. Este succo contém, além das substancias da canna, acido málico, acético, e dá 3 a 4 por cento d'assucar. Enchem-se as caldeiras depuratorias, até um terço, ou metade; quando a temperatura tem chegado a 65.° ou 66.° diminue-se o fogo, deitam-se no liquido coisa de 48 grãos de cal, dilluida em agua morna, por cada duas libras de succo; aviva-se o fogo até que o licor chegue, quasi ao gráu de fervura; tira-se para fóra, e se deixa em repouso até que principie a formar na superficie uma côdea, que se tira com a espumadeira, e se escôa o liquido por meio de uma torneira collocada a um palmo do fundo da caldeira.

Leva-se de novo rapidamente o liquido á ebulição e se lhe mistura acido sulphurico, dilluido em 20 partes d'agua, na proporção de um decimo da cal empregada: agita-se, e até será bom que antes a mistura apresente ligeiro excesso de cal, do que de acido. Ajunctam-se ao licor tres centesimos de carvão animal bem

preparado, continua-se a fervura até que o licor marque 18.° ou 20.° do areómetro, deixa-se assentar até a manhã seguinte; côa-se, e lança-se n'uma caldeira de dois pés de largura e dezoito polegadas de altura, que occupe só um terço da sua capacidade, e se põe a ferver. Se a fervura for forte abranda-se o fogo, e meche-se o liquido. A cozedura está terminada quando tomando-se um pouco de xarópe entre o polegar e o indice e afastando-os rapidamente se fórma um fio secco e quebradiço. Tira-se então o fogo, e alguns minutos depois passam-se os xarópes para os refrigeratorios, e d'estes para fórmas conicas. Isto mesmo se faz para o assucar da abobara, da raiz d'abrótea, dos nabos etc. etc.

Assucar de Castanhas. — Contém estas assucar, fécula, materia gomosa e albumina. Deixam-se em contacto, por 24 horas, tres partes d'agua, e uma de castanhas pulverisadas; agita-se a mistura de vez em quando, decanta-se, juncta-se-lhe uma nova quantidade d'agua ao pó restante, e repete-se a mesma operação, depois de ter decantado o liquido, o residuo é quasi unicamente fécula; as tres dissoluções conteem, assucar, e mucilagem; aquecem-se separadamente até que marquem 38° no areómetro de Beaumé. Mettem-se em estufa e depois de alguns dias christalisam. A 1.ª dissolução, é mais sacharina, e menos mucilaginosa, que as outras duas, e christalisa mais facilmente. Mettem-se os christaes que são mais ou menos pastosos, em pannos cerrados, e se comprimem; a maior parte da mucilagem se escôa pelos boracos, emquanto o assucar fica nos pannos; é assás bello, mui doce, e conserva um ligeiro sabor de castanhas.

Lisboa 21 d'Agosto de 1843.

Henrique José de Sousa Telles.

MONTADOS.

2073 Os montados são hoje em dia sem contradicção alguma no ramo agricola, e comparativamente ás outras propriedades ruraes, as de maior valor, ou lucro, que ha no reino pela excellencia das carnes dos cevados, que por lá se criam em tão admiravel abundancia.

E sem embargo Portugal n'esta parte apenas tem para si, ou pouco mais, não chegando as suas sobras escaças para satisfazer ás precisões do seu commercio externo, nem ainda talvez só com respeito ao Brazil.

Estas verdades tão reconhecidas foram pelos nossos antigos legisladores, que sabiamente prohibiram por lei todo o córte desnecessario de uma só arvore, que fosse, d'essas ricas florestas, de que se os montados compoem. A lei protegia então o seu augmento.

E todavia essa mesma lei proctectora foi esquecida em nossos dias, e arvoredos inteiros coevos da monarchia, ou que viram fundar as cidades e villas em que nascemos, gemem a todo o momento sob os golpes do machado destruidor.

É porque o homem escravo sempre do seu interesse maior, ou antes do seu interesse presente, e não curando nem do intesse futuro, nem do de seus filhos e netos, acha que é mais o lucro, que tira na lenha e no carvão. E prefere d'esta fórma um interesse sordido, e momentaneo á prosperidade futura da sua terra, e o que é mais ainda e mais espanta, á propria subsistencia dos filhos, que por sua morte não hão-de encontrar senão terrenos escalvados, onde floreceram por tantos seculos tão ricas, e tão soberbas matas. Assim a lei é como se não existisse. ¡¡¡ Assim definha, e se anniquilla um dos nossos primeiros ramos agricolas, e a auctoridade, a quem incumbe o vigiar, dorme a somno solto no regaço da indolencia ao som dos golpes do machado arboricida!!!

Os montados, que havia, (bem se póde dizer) eram apenas os necessarios — vão-se de dia para dia anniquillando. — ¿ E quem ha ahi, que seja capaz de lembrar-se de ressalvar ainda os que ha, ou semear, e plantar outros em logar dos que perecem? ¿E quem ha ahi que não esmoreça alongando a vista pelo enorme espaço de cem annos, que tem diante de si, que tantos ou mais são precisos, que decorram, para que se crie, e engrosse e forme uma floresta, que possa chamar-se montado?

E no entanto sem embargo de toda esta destruição, e emvez de augmentar com ella o valor da producção dos que ficam, tem-se visto n'estes ultimos annos diminuir em preço a tal ponto, que os rendeiros não acham n'elles com que possam pagar a renda aos senhorios. E não se argumente com o anno preterito de 42; que se mais algum preço teve a carne suil, foi pela grande escacez da producção — pois, como é sabido, um anno muito abundante, ou muito escaço em fructos nunca servio de termo de comparação para o preço medio d'elles.

¿Qual será pois a razão d'este phenomeno? ¿Porque causa diminuindo os montados todos os annos, sem que d'elles nunca tivesse havido abundancia, assim mesmo diminue o preço do genero, e rendem cada vez menos?

¿Quereis saber qual ella é? — é clara, evidentissima: — olhae com attenção para o espirito, e paixão dominante do seculo, e vereis o problema resolvido.

A usura, o monopolio, a *agiotagem*, esse demonio, que se introduz por toda a parte, onde acha que roer, essa semente de morte, que não poupa, nem commercio, nem agricultura, nem artes, esse monstro que nos devora e a cuja porta sómente é permittido chegar de chapéu na mão, olhos no chão, e voz humilde para receber o garrote mortal, é ella, é sómente essa furia quem tem feito e fará cada vez mais tragar o pão da amargura ao lavrador agonisante.

Interposto o atravessador e o agiota entre o lavrador, e o povo, entre o que produz, e o que consome, espesinha e rouba a este, como a escravo, que só para elle trabalha, e ao mesmo tempo engana, e rouba aquelle, e isto, comprando ao primeiro por 10, e vendendo ao segundo por 20!!!

Eia pois, lavradores, e proprietarios de montados, é preciso um dia acordar d'esse lethargo, que vos mata. A hora é chegada — longe, para bem longe de nós essa praga maldicta, que vivendo á custa do nosso desleixo, e desgoverno ostenta um luxo insultuoso, nascido do immenso ganho, que se houvéramos todos mais juizo, deveria só a nós pertencer.

Se reflectirmos pois, que o monopolista e o agiota sómente se enriquecem do que lhes deixa ganhar a nossa incuria e indolencia; se reflectirmos, que n'isto vae a nossa ventura, e o futuro destino dos nossos filhos; se dermos de mão a preocupações ridiculas, em uma palavra, se tivermos juizo um dia, e quizermos administrar bem e por nossas mãos, e tirar de nossos montados o melhor proveito possivel, havemos, querendo Deus, de conseguil-o.

Lancemos para longe de nós o atravessador e o agiota — façamos o que devemos com respeito aos nossos generos, que é exactamente o que elle faz — isto é, ganhemos o que elle ganha, vendamos ao povo por nossa conta, aproveitemos essa immensa differença de preço, que elle em nosso logar recebe, e com a qual nos põem o pé no pescoço. Façamol-o assim, e seremos o que já fomos — ricos e fortes, e sacudindo seu jugo vergonhoso, a miseria desapparecerá de nossos montes, para nunca mais voltar a elles.

Vendamos pois por nossas mãos as ricas producções de nossos montados — tenhamos sobre tudo — Juizo — e nossas propriedades nos renderão outro tanto.

ASSOCIAÇÃO DE TODOS OS LAVRADORES E PROPRIETARIOS DE MONTADOS!

Idéa sancta e salvadora sede bemvinda.

É pois no unico meio de uma associação de todos os lavradores e proprietarios de montados, que elles pódem encontrar a sua taboa de salvação; é só por ella, que outra vez verão raiar a sua edade de oiro.

Eia pois, proprietarios e lavradores de montados, é tempo de accordar do lethargo, que vos definha e assassina: — associae-vos todos, e cantareis victoria.

Trabalhos importantes se acham encetados n'este sentido; proseguil-os, e leval-os a cabo a vós pertence — ajudae a vossa propria causa, e ella ficará vencedora, se n'este momento, em que alguns trabalham com tanto afinco no sentido d'este principio salvador vós os coadjuvardes.

É pois o que se tem feito, o seguinte.

Reconhecida por todos a necessidade urgente de accudir desde já a este ramo da nossa agricultura, no dia 23 de abril proximo passado em Lisboa, em caza do Sr. *Ayres de Sá Nogueira* se reuniu consideravel numero de proprietarios, e lavradores de montados, a que presidiu o Sr. *Conde de Redondo.*

Aberta a sessão, e instalada a *Assembléa Geral da Companhia dos Montados*, foi apresentado pelo Sr. *Ayres de Sá Nogueira* um projecto por elle ellaborado, para o fim de se fundar uma companhia protectora dos montados. Concluida a leitura do projecto, elegeu-se uma *commissão* para o rever e dar sobre elle o seu parecer. Esta *commissão* é composta dos Srs. *Conde de Redondo, Joaquim Filippe de Souré, Jacintho da Roza Abrantes, Ayres de Sá Nogueira*, e dos dignos pares *João José Vaz Preto Giraldes, Francisco Tavares de Almeida Proença*, e dos Srs. deputados *João Bernardo de Sousa, Diogo Antonio Palmeiro Pinto*, e *José Avellino da Silva Matta*, todos grandemente interessados em tal sorte de propriedades.

Reunida a *commissão*, foi decidido, que se ouvissem os lavradores e proprietarios residentes no Alémtéjo. Alli se dirigiu com effeito em maio seguinte o Sr. *Ayres de Sá Nogueira* e depois de ouvir pessoas práticas e intendidas na materia, se fizeram em consequencia algumas alterações no projecto, o qual se bem não fosse ainda discutido pela *commissão*, agora se apresenta para os importantes fins de despertar a attenção publica, e fazel-a fixar sobre o seu valioso contheudo.

Brevemente a *commissão* apresentará o parecer: logo depois será convocada por via da imprensa a assembléa geral, para a qual hão de ser convidados todos os proprietarios e lavradores de montados, sendo de esperar hajam de concorrer quantos a esse tempo se acharem em Lisboa, visto como se tracta dos interesses, e subsistencia da familia de cada um d'elles. ¿E haverá um só cuja criminosa indolencia chegue a tal ponto, que se não apresse, e por assim dizer, não vôe, sendo como é para fim sobre maneira importantissimo? De certo que nenhum. — Assim o acreditamos.

* * *

(Continuar-se-ha).

COMPANHIA PROTECTORA DO COMMERCIO E AGRICULTURA DOS VINHOS DA EXTREMADURA.

(Continuado de pag. 14.)

2074 Promettêramos responder aos argumentos dos adversos á companhia dos vinhos da Extremadura; — argumentos que, pontual e fielmente, deixámos expostos. Vamo-nos desempenhar da nossa palavra.

Começando pelos peccados commettidos na exposição diremos, que quanto ao 1.º não ha exactidão, pois o que o Ministro disse respondendo á interpelação, foi: —

« Sr. presidente, o nobre deputado referiu-se a um facto acontecido no outro ramo do corpo legislativo, a uma resposta dada alli pelo illustre negociador do tractado e a outra dada por mim, sobre a intelligencia do artigo 15.º Parece-me que não estarei ainda deslembrado do que então disse; mas peço ao nobre deputado que observe que se me fez uma pergunta sobre uma hypothese dada — como é que se intendia o artigo 15.º, a respeito do exclusivo das aguas-ardentes, que se pertendia para o Doiro? Eu respondi n'essa occasião — que o artigo 15.º era muito expresso em exceptuar da regra geral estabelecida n'esse mesmo artigo aquelle ponto do exclusivo: porque não só tinha resalvado os regulamentos do Doiro, já existentes, mas todos e quaesquer outros que se podessem fazer, tendentes a melhorar o commercio e a lavoira d'aquelle districto. Esta era a opinião firme do governo, e era a opinião do negociador e ainda o é. Eu não podia deixar de dar esta resposta, porque se tractava justamente de dar ou não dar o exclusivo, mas, em regra geral, não sei como se possa admittir que se venha aqui perguntar (já não fallo em tractados) como intende o governo esta ou aquella lei, como intende, por exemplo, a lei da propriedade dos novos inventos; como intende a lei de tantos d'abril de 1836, sobre o commercio da Asia, como intende qualquer outra lei de utilidade geral para o commercio, em que todos estão interessados: não me parece, digo eu, que seja prática vir aqui perguntar ao governo como se intende esta ou aquella lei; porque as leis ahi estão; o commercio lê-as, e quando tem alguma duvida recorre aos homens de lei, para vêr o que ellas importam; sobre isto funda os seus calculos e os legisladores os seus projectos de lei. Ora, se isto é, segundo minha opinião, o que acontece a respeito de uma lei qualquer, que queremos nós que succeda a respeito d'um tractado, quando a maior ou menor circumspecção do ministro póde compromettter a nação!... (apoiados). Não acho por tanto, possivel dar aqui uma resposta cathegorica, em these, tão geralmente apresentada como o nobre deputado acaba de fazer. Digo isto, não no interesse do ministro; digo-o no interesse do paiz: até digo mais, correspondendo á mesma urbanidade com que o digno deputado apresentou a sua pergunta; — se se tracta de algum projecto de lei, se elle vem a esta camara, ou veio, ou está em alguma commissão, e o nobre deputado ou essa commissão quizer que eu ahi appareça, quizer dar-me parte da hypothese de que se tracta, eu declaro que ahi com toda a franquesa direi qual é a minha opinião e a opinião do governo sobre esse ponto. Creio que o illustre deputado se satisfará com esta resposta, porque não tenho com isto em vista senão arredar uma pratica que poderia, não digo agora, mas em outra occasião, prejudicar a causa publica. »

N'isto não fez senão affirmar que o artigo do tractado não prejudicava qualquer exclusivo para o Doiro, e negou-se a expender egual opinião sobre o que se pedia para a Extremadura, e por isso a commissão intendeu, e a nosso vêr intendeu bem então, que a não ser para a companhia vinicola do Doiro, e salvas as excepções do artigo 15 do tractado, os poderes do estado estão inhibidos de poderem decretar exclusivo algum.

Hoje depois do artigo do jornal official do governo a questão teem mudado de face, não está porém decidida, é *opinativa*, só o tempo a decidirá e então se conhecerá, quem tem melhor logica, e boa fé.

Quanto ao segundo peccado é arguição mais ingenhosa. É necessario porém notar, e para logo cessou o peccado, que na exposição a commissão não se propóz tractar da especie, mas sim da thése; intendendo que sem estar decidida, ou pelo menos conhecida a opinião do governo sobre poderem os corpos legislativos apezar do artigo 15 do tractado conceder exclusivos, escusado era demonstrar a conveniencia, utilidade e necessidade do pedido no projecto da companhia protectora do commercio e lavoira dos vinhos da provincia da Extremadura.

Agora que a opinião do governo é conhecida pelo seu orgam official, governo a quem não queremos offender nem lisongear pois o nosso fim é só e unicas mente tractar do bem do reino, sem curarmos de que

EPITAPHIO.

Hic jacet
Franciscus Emmanuel do Nascimento
Olysiponensis Presbyter,
Litterarum ac Poeseos ad extremum usque diem
Cultor indefessus,
Et vernacoli sermonis diligens assertor.
Natus est Olysipone 23 de Dec. 1734.
Obiit Parisiis 25 Feb. 1819.
Marchio de Marialva Regis Fidelissimi
Ad Christianissimum Regem Legatus
Defuncti funus duxit obsequiose:
Et hunc lapidem in honorem civis sui bene merentis
Erigere curavit anno 1820.

ODE.

AOS PORTUGUEZES DE ANIMO CONDOIDO.

«Crescei, magoas crueis, e crescei, dores;
»Quebrai o vagaroso, e triste fio,
»Que alonga a cruel Parca, em seus lavores.
Ferreira, *Eleg.* 5.

Tinha, com que viver independente,
Grangeio de meu Páe, com lida honrada; (1)
Tinha amigos, ganhados com virtudes,
E dons do estudo, e Musas.
Roubou-me a Inquisição os bens, d'um lance;
Roubou-me a Patria, e poz-me n'um destêrro:
Dos amigos roubou-me alguns a Morte,
Roubou-me outros o olvido.
Com mãos de ferro a rigida Pobreza
Me apertou as entranhas; poz em fuga
Os opulentos mimos da Fortuna,
Que ás ricas portas batem.
Vivi pobre, vivi desconhecido;
Trabalhei, entre angustias da Miseria:
Mesquinho lucro vi do meu trabalho,
Que mal cobre a despeza.
Louvaram-me, e subiram alto os gabos;
Mas gabos fumo são, que não sustenta:
E a comida e o vestido não se pagam
Com pomposos louvores.
Leitores, que o louvaes, dae-lhe soccorro;
Amigos (se ainda o sois) com amisade,
Um velho consolae, que emquanto teve,
Consolou quantos póde.
Houve uma alma briosa, enternecida, (2)
Que a vida me escorou, por alguns annos (3)
Mas hoje, (4) oh Ceus! com quanta magoa chóro
Do digno amigo a perda.
Vós, Portuguezes, que inda tendes honra;
Que no peito sentis pulsar os toques
Da compaixão, (Divino movimento
Das almas escolhidas),
Olhae o desampáro, acodí brandos
A Filinto, que aponta aos quinze lustros
D'uma vida enredada de amarguras;
Salvae-o da Pobreza.
Não se diga de vós, que ao bom Filinto,
Que tanto amou a Patria, e os Portuguezes
Como a Camões deixastes, insensiveis,
Morrer ás mãos da Fome.

Foi impressa esta Ode em um papel solto, e existe um exemplar em poder do Illm.º Sr. G. J. Pilaer; a presente cópia porém é tirada *exactamente* de outra manuscripta, que possue o Illm.º Sr. M. B. L. F.

(1) Que serviu 60 annos a Patria na Marinha Real.
(2) Antonio de Araujo.
(3) Desde 1890 até agora.
(4) Em 1808.

SINA MÁ, BEM MAL MERECIDA!

2078 Quando faz muito frio; muito frio.... e o vento sibilla por entre as fendas da janella ou porta meia desconjunctada e a esquiva lua se não apraz de descobrir o rosto luminoso, e as buliçosas estrellas mal ousam de se amostrar, e a agua cáe a cantaros por essas ermas ruas da nossa mui populosa capital, n'essas horas — se um bom par de cavacos, brilham accesos, na lareira o seu calor aviventa, e anima o corpo, molesto e regellado; o veterano se consola relendo e trelendo os commentarios de Cezar, ou em meditar no bello livro de Plutarcho, o mancebo vivaz lança mão d'um drama de Victor-Hugo e o devora sem respirar, o classico se arremessa affouto a um sermão do padre Vieira, ou traga com avidez um capitulo de Fernão Mendes — o mestre çapateiro solétra em voz alta aos aprendizes apinhados em tôrno da meza cóxa e encebada o encontro de Roldão e Ferrabraz, ou a passagem da ponte de Mantible — a velha com uma sáia de baêta verde, touca de panninho, roupinhas d'estamenha azul, com a caixa de esturro ao pé e os oculos na ponta do nariz, conta ás netas e netinhas historias mui bellas e viçosas de cavalleiros andantes, bruxas, fadas e lobishomens, em quanto o avó encovillado na cama com seu barrete d'algodão, camisa de malha e depois de haver tomado a usual tisana, scisma no casamento das netas, nos dotes que lhes ha-de dar, até que adormece, para accordar no outro dia ao romper da alva.

Mas com fadas é que nós nos queremos, as bruxas são maleficas, e impertinentes.

Ora não ha fada que por via de regra não seja bella como as que o são, senhora do seu jardim de septe fontes, e de septe mil flores. — Escrevo com penna d'aço e não posso, queridissimos leitores, chegar-vos ao coração com o mavioso de uma descripção de belleza ideal.

Em summa as fadas são as senhoras, e as bruxas umas suas servas. — Vamos nós ao nosso conto, que estou pulando por vol-o contar. —

Quando tal se passou tinha eu um covado de altura e nos annos o triplo dos palmos que elle contém: já vedes que tinha os meus nove. Era em 1834. Ouvi este veridico conto a uma velha, que o contava a duas netas, e que por signal já tinham deixado caír um bom par de malhas das meias em que trabalhavam, e que de embevecidas no que ouviam não acertavam em dar um matte.

Era no Alemtejo paiz natal das fadas portuguezas, e onde tantas ha como de magicas houve na antiga Thessalia, a qual mais bella e discreta; isto é verdade, se não fosse não vol-o dizia.

A velha tossiu, tomou sua pitada, espevitou a candeia prestes a morrer, e sacudiu o topete por causa das más idéas. — Ouçâmos.

Começava quando o velho de barrete de algodão accordou com o seu impertinente catharro. Tossiu, tornou a tossir; julguei que d'aquella arrebentava! um bem applicado xarópe de ameixas e peros o socegou, e virando-se para o outro lado, depois de haver rezado um padre nosso, dormiu o somno da decrepidez, que bem poderá ser tão socegado como

o da infancia. — A avósinha começou fazendo primeiro o signal da cruz.

Havia alli para as bandas da Serra d'Ossa uma velha, muito velha de quem dizem as más linguas, que recebêra do espirito maligno patente de fada. É caso verdadeiro.—A boa da minha velha tinha duas netas — Florinda e Adosinda — ambas gemeas. Um dia foram-se ellas a passear ao seu jardim — era em abril, abril bem sabeis vós que é o mez das flores, tantas côres, tantos ricos cheiros enlevam a phantasia.

Queria a fada maravilhar as netas com um encantamento subito por onde ficasse conhecendo o genio de cada uma.

Se bem o pensou, melhor o fez. Ouvi, ouvi, aqui é que vae o chiste.

As agulhas pararam; e a porta da alcóva rangeu. Ruim agoiro. — Como vos dizia, queria a fada tomar a subitas as netas com um encantamento, assim foi; ellas a passarem pela cascata, que estava na rua do meio do seu jardim, e a entrarem n'um caramanchão de rozas quando viram um jasmim alvo e puro que brigava com uma roza toda pudor, toda carmim. Não era vento, que batia as duas flores uma com a outra, que nem havia vento n'aquelle dia, nem que o houvesse poderia elle entrar no caramanchão: era uma briga, muito briga, de tão rijos encontros que as folhas das duas doidinhas se amarrotavam, muitas d'ellas caíam e do logar, d'onde caíam, ficava logo escorrendo o summo cheiroso, que é o sangue das flores.

Recuaram as meninas espavoridas como querendo duvidar d'aquillo que era mais que realidade. Ellas a recuarem, e ellas a darem com os olhos n'um milhafre, que devorava uma pomba alva como a neve.

Florinda e Adosinda apertaram ao peito os bentinhos. Tinha lh'os dado um Sancto ermitão da Serra d'Arrabida.

— Minhas netas emquanto ha fé vae tudo bem, não ha más tentações, e fogem os pensamentos ruins. Deixaram de pensar nos seus bentinhos, ficaram perdidas. — Já a fada lhes não podia valer, estava escripto no livro dos destinos que ambas seriam infelizes.

— A historia faz arripiar, avósinha: mas conte, conte; queremos saber o resto.

— Pois o resto é o melhor.

A roza a luctar com o jasmin — o milhafre devorando a pomba — eram advertencias de sobejo. De nada serviram. — Vae senão quando, entram a pensar em casamentos. — De casamentos passam a discursar em fadas. — » Quem nos déra que houvesse uma fada que cumprisse todos os nossos desejos. Sempre haviamos de ser muito felizes. «

Palavras não eram dictas, e uma fada a erguer-se como vapôrzinho de cima da terra.

¿Que desejaes das fadas? — aqui tendes uma prompta a obedecer aos vossos minimos desejos.

E assim era.

— Que susto, minha avó, que não teriam as pobres raparigas.

— Assim supponho; mas d'ellas é que era a culpa.

— E não me sabeis dizer quem era a fada?

— A fada, minhas netas, era a avó das raparigas que se tinha transformado, e emvez de touca trazia um toucado riquissimo, e emvez de sáias e roupinhas um manto claro de neve. Era uma suspensão vêl-a. Á pergunta da fada ficaram a principio attonitas; mas tornando em si, disseram quasi ao mesmo tempo, « que nos cazeis, que nos cazeis, senhora fada, e que seja para logo; é o que só vos pedimos. « Assim foi. A boa da fada sacou da sua varinha de condão. E mal havia batido com ella tres vezes na terra quando dois guapos moços appareceram. Eram dois Adonis para endoidecerem a outras menos cubiçosas de se casar quanto mais ás nossas duas louquinhas.

— ¿E que fizeram, que fizeram minha avó?

— A fada mandou que escolhesse cada uma um noivo.

— ¿E depois?

— Cada qual fez a sua escolha — negregada escolha que ellas fizeram.

— ¡Sim! Coitadinhas! que má fada! e nós que já começavamos a querer-lhe tanto.

Depois d'esta curtissima interrupção a velha esfregou a testa como para se recordar, e continuou d'esta maneira.

— Um domingo depois, era domingo de Paschoa, o cura da freguezia, caminhava para a egreja todo loução e escovado, montado no seu macho preto todo luzido de fitas e flores. N'aquelle dia havia de celebrar dois cazamentos. Os sinos repicavam a bom repicar — Adozinda e Florinda cazaram-se, por signal que houve umas bodas muito grandes, a que assistiram muitas fadas, que ninguem viu, mas todas muito feias, segundo se contou ao depois n'aquellas terras. Uma das noivas havia esposado honrado e esbelto mancebo. — Esbelta e honrada era ella, mas os ciumes, os ciumes. . . . .

— ¿ Quem são os ciumes, avósinha?

— Os ciumes, os ciumes minhas netas são, são uns bruxos. . . . . . mas isso não vem para a historia.

A velha não disse mais. — Estava realisada a prophecia da lucta das flores.

— E a outra, dizei-nos o que foi feito da outra.

— A outra cazou com um senhor soberbão, como o proprio Satanaz — ao fim d'um anno já não era a mesma — bonita sim, mas defecada, triste e desconfiada. O milhafre tinha martyrisado a pomba.

— ¿E que fizeram á fada? O rei d'essa terra não a mandou queimar?

— Não, minha neta, não. Dizem que a fada se tornára tão pessima que o demonio n'uma noite muito escura veio mandado por Nosso Senhor tirar-lhe todos os seus poderes, e rasgar-lhe na cara a patente, que lhe déra, escripta com carvão; — e que em dia de S. Bartholomeu a fada fez víspere, e foi-se para as arêas gordas. — O caso é que d'então para cá desappareceram as fadas no Alemtejo.

— Amen! disseram á uma as raparigas persignando-se.

— Deus vos oiça minhas netas.

O serão estava por um triz a acabar por falta de azeite na candêa.

Passados annos o mesmo que succedêra a Adozinda e Florinda — veio a acontecer ás incançaveis ouvintes d'esta mui verdadeira e acreditada historia.

Luiz Augusto Palmeirim

tões de politica, vamos entrar na questão do exclusivo na hypothese especial da companhia dos vinhos.

Vamos ao primeiro argumento.

Não é util aos proprietarios de vinhas da Extremadura.

Intenderam os adversarios da companhia que não era util, e ainda mais que esta utilidade sómente se poderia dar, quando demonstrado que assim augmentava o consumo do vinho, pois que sem isso não podia mudar de preço. Tudo isto é inexacto: o exclusivo póde ser util aos proprietarios de vinhas independentemente de que com elle augmente o consumo da capital, por quanto muitas outras razões differentes da do augmento do consumo recommendam o exclusivo; e ainda independente do augmento do consumo pelo exclusivo o vinho póde variar de preço.

Ser e não ser ao mesmo tempo é impossivel, os adversarios negam que o exclusivo augmente o consumo, e portanto se o seu raciocinio fosse exacto o resultado devia ser que a companhia não dava melhor preço do que o actual, isto é porém facto, que se não póde com verdade negar, pois que todos os minimos estabelecidos pela companhia são superiores não só aos maximos da colheita de 1841, mas tambem aos da colheita de 1842 como teremos occasião de mais amplamente demonstrar: logo o raciocinio pecca nos principios, e por isso tambem na conclusão.

Demos porém de barato, que eram exactos os principios, e que o exclusivo só podia ser util, quando por elle se augmentasse o consumo: ainda assim a sua utilidade está demonstrada, porque nós vamos evidentemente mostrar que o exclusivo augmenta o consumo.

É sabido que dados os mesmos usos e costumes, ser Paulo ou Sancho quem venda o objecto não faz diminuir o consumo d'este, o que só acontece quando mudada a qualidade, ou o preço.

A companhia não altera os preços regulares de Lisboa, que continuam os mesmos, como se vê do artigo 14 do projecto; a qualidade não peiora, antes melhora, logo o consumo não diminue. Mas por isso mesmo que a qualidade não peióra, antes melhora, é que nós sustentamos que o consumo augmenta, e por dois modos.

O vinho, que se vende em Lisboa no geral de todos os armazens, e tavernas, especialmente o do preço mais baixo, é todo termo usual — *baptisado.* — O taberneiro compra um casco de vinho, a sua venda diaria é de 6 almudes, tira do casco para um barril, 4 a 4 ½ ou 5 almudes pelo muido, e deita o resto de agua, e no dia immediato, vende 6 almudes com o titulo — vinho — de facto, porém de vinho não vendeu senão 4, 4 ½, ou no maximo 5: esta operação repete-se tantas vezes quantos são os dias do anno; e eis uma extraordinaria differença no consumo: se nós demonstrarmos que a companhia não póde, não deve, nem lhe convém fazer esta falsificação fica evidentemente provado, que o consumo augmenta consideravelmente ainda mesmo quando concedendo que esta falsificação das tabernas só se realise no vinho inferior.

Que a companhia não póde, não deve, nem lhe convém, facil é demonstral-o.

Não póde, porque a companhia é uma corporação com escripturação regular, sujeita a uma fiscalisação do governo que este deve exercer com o maior rigor, e que portanto não póde apresentar em suas contas uma venda nos armazens, superior á entrada, o que aliás succederia se a fraude continuasse: — tinha de o fazer por muitos agentes e muitos secundarios, em que impossivel era o segredo etc. etc.

Não deve, nem lhe convém, por quanto a companhia é a primeira interessada em dar a todos os seus empregados bons exemplos de moralidade, para que estes a não fraudem, auctorisados com a fraude que ella causa ao publico; a companhia, como está estabelecido no projecto, é obrigada a comprar todo o vinho da provincia da Extremadura: este é superior, e muito superior ao consumo actual no reino, e exportação, logo sobeja-lhe muito genero, e então de nada lhe serviria augmentar esse sobejo, quando não é possivel dar-lhe consumo, ou aplicação: pelo contrario a sua conveniencia está no augmento da venda do genero verdadeiro, e sem adulteração, pois que sendo pelo mesmo preço, o de melhor qualidade, quem consumia cinco consumirá seis. Muitos outros argumentos se pódem apresentar, que por não sermos muito proiixos ommittimos.

Poder-se-ha dizer que as mesmas razões colhiam ex adverso: isto porém tambem não é exacto.

O taberneiro é de ordinario o proprio dono, que faz o augmento do genero com o accrescimo de agua, não tem portanto a quem dar contas; como elle não compra senão tanto vinho quanto gasta, pouco lhe importa, que muito sobeje nas adegas, quanto mais sobejar, mais barato comprará aquelle de que precisar: não póde sofrer descredito que tanto o prejudique, pois, quando reconhecida a fraude, muda de sitio e continúa n'ella sem perigo emquanto não fôr conhecido: a sua sugeição á fiscalisação é nenhuma, e, quando alguma houvesse, é facilima de illudir: sejam ouvidos todos os intendedores do negocio de vinho por miudo em Lisboa, de boa fé, e elles dirão, se tudo quanto deixo dicto, é ou não exacto.

Não poderemos deixar de notar aqui para se conhecer a grande vantagem que o exclusivo dá aos lavradores que d'elle depende a creação da companhia, a qual sem elle é impossivel; e que a companhia estabelece *minimos* os seguintes preços por cada pipa de vinho de 1.ª qualidade 18$000 rs., 2.ª 14$000 rs., 3.ª 11$000 rs., 4.ª 8$000 rs.; e no unico proprio para queimar na proporção do alcohol que contém, calculando o valor d'este de 30 gráus a razão de 1600 rs. por almude, §. 16 do art.º 11 do projecto.

Respondido ao primeiro argumento passaremos ao segundo, isto é *não ser util aos habitantes da capital.*

Nós já deixámos demonstrado que era util, e muito util aos lavradores de vinho, e quando uma coisa é util a uma classe, basta que ella não seja prejudicial a outra para se dever conceder; por isso bastaria demonstrar, que elle não é prejudicial aos habitantes de Lisboa, para se dever conceder. Felizmente tão boa é a posição dos que defendem o exclusivo, que elle não só não prejudica aos habitantes de Lisboa, mas antes lhes é util: não prejudica por quanto, como já deixei dicto, os preços continuam os mesmos: é util porque o vinho que se vender não é adulterado como até aqui, e assim beber-se-ha vinho em logar de infusão de agua e vinho, no que tambem a saude publica grandemente interessa.

Dir-se-ha porém que a companhia póde abusar na qualidade: 1.º temos contra isto, a rigorosa fiscalisação que o governo deve exercer: veja-se o artigo 32 do projecto: 2.º o proprio interesse da companhia pois que sobejando-lhe genero ainda quando dê de bôa qualidade, o sobejo seria muito maior quando o vendesse de má qualidade: 3.º porque os proprios lavradores, que vendem o genero, seriam os primeiros a reclamar contra a companhia quando ella vendesse genero de 2.ª qualidade pelo preço do de 1.ª pois exigiriam que ella pagasse o de 2.ª qualidade pelo preço do de 1.ª visto que como tal o vendia: 4.º porque tendo a companhia sempre de dar aos lavradores preço em proporção dos lucros, supponho o que é impossivel que não só tinha a destresa para illudir a fiscalisação, mas que tambem fazia o milagre de conservar o mesmo consumo apesar da má qualidade, os lucros seriam para os lavradores e não para a companhia. E como não se póde suppôr que uma corporação se queira desacreditar, e praticar actos illicitos com grave perigo, e sem possibilidade de lucro, é evidente que moralmente se não póde nem deve esperar da companhia o fornecimento de má qualidade, ou mais propriamente a troca na venda, isto é o vender o genero de inferior qualidade pelo preço do de qualidade superior: accrescendo finalmente que todos os adversos á companhia são outros tantos fiscaes.

* * * * *

(Continuar-se-ha).

LEMBRANÇAS Á CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA.

2075 1.ª — Consta-nos, que se tenciona mudar o matadoiro que está no Campo de Sancta Anna para a Cruz do Taboado. Já que a camara se resolve a ordenar esta mudança, ha tanto tempo requerida pelo aceio e conveniencia da cidade, lembramos que seria muito mais vantajoso, que fosse para Xabregas, ou Poço do Bispo: devendo o novo matadoiro ser construido á beira do Tejo de modo, que a carne podesse ser facilmente recebida nos botes, que a transportariam até ás prayas onde estariam os carros, que a distribuiriam pela cidade, e attendendo a que Lisboa está á beira do rio é muito mais conveniente e economico estar o matadoiro em Xabregas ou Poço do Bispo do que na Cruz do Taboado.

2.ª — Muito conviria que a mesma camara municipal, seguindo o que em Londres com tanta vantagem se pratica, obtivesse do governo, que se nomeasse uma juncta para propôr o plano dos melhoramentos que se devam fazer na cidade, os quaes se podiam ir realisando segundo o permittissem os rendimentos do municipio, que lucraria muito mais com estas obras feitas em virtude de um plano assentado, e fructo da experiencia e saber de pessoas, em quem se dessem todas as circumstancias requeridas para esta proveitosa commissão, do que lucra com obras que se fazem sem seguir um plano determinado, e sem o valioso conselho de pessoas que muito intendedoras são n'esta materia.

3.ª — Sabêmos que em Londres se estão limpando as ruas por meio de uma machina, que leva vantagem em bom resultado e economia aos meios até aqui empregados.

Rogamos á camara que tracte de haver as informações convenientes a este respeito; pois bom será que aproveitemos o bom que lá por fóra houver, já que tanto temos tomado do máu.

R. S.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

MILAGRE DE NOSSA SENHORA DA NAZARETH.

14 DE SETEMBRO DE 1182.

> A fama famosa d'aqueste milagre,
> Herança que herdámos de padres e avós,
> Á gloria do Alcaide, de Porto de Mós,
> Por filhos e netos bem é se consagre.
> *Castilho. Quad. Hist. de Portugal.*

2076 Faz hoje 661 annos. Estava um dia de névoa cerrada, e antes do despontar da aurora já se ouvia, alli para as bandas da Pederneira, o relinchar de muitos cavallos, ladridos de cães, som de bozinas, e clarins...... — brava monteria era ella. Voava, não corria, um veado de grandeza descommunal; seguia-o, cavalleiro, que a toda a rédea o acossava; nem já o avistam os da sua comitiva; eis que, d'improviso, os raios do sol, penetram atravez da névoa, como espadas de fogo; ás trevas succede a luz; e......Oh! assombro! Sublime painel para os arrebatados pinceis de West, ou d'um Kauffman! O veado, ou demonio que fugia, abismou-se: e o cavalleiro, ¡ vel-o lá está suspendido ás bordas de rochedo altissimo, que se pendura passante de duzentas braças sobre o mar! — Um só nome que elle soltára, mas com a fé intima de verdadeiro christão, bastou a livral-o da morte. — O cavallo retrocedeu. O nome era o da Virgem da Nazareth. — O cavalleiro era D. Fuas Roupinho.

Releve-se-nos o fallarmos aqui, de homem, que todos conhecem, de caso por todos tão sabido; e releve-se-nos, porque, tambem somos, e nos prezamos de o ser — christão, e soldado.

J. da C. Cascaes.

FILINTO ELYSIO.

(Carta).

2077 *Sr. Redactor.* — Parece-me, que não deve ser indifferente para o publico portuguez, coisa alguma d'aquellas, que mais podem honrar a memoria, e recordar o infortunio do nosso insigne poeta FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO, cujos restos mortaes temos já a fortuna de possuir entre nós: e é por isso só, que me parece conveniente a publicação do epitaphio feito em 1820 pelo seu especial amigo T. Verdier, quando o marquez de Marialva se lembrava de erigir-lhe uma lápide — e da ode, que aquelle expatriado dirigíra aos seus patricios, implorando a sua beneficencia, por me parecer, que é rara, pois se não encontra nas suas obras colligidas. Se V. fôr do mesmo voto, peço, que estes dois testimunhos da gratidão de um amigo — e do abandono de um infeliz — vão ás columnas do seu muito appreciavel jornal.

Cintra 28 de Agosto de 1843.

A. de Oliveira Amaral Machado.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2079 O horisonte politico d'Hispanha continúa cada vez mais a toldar-se — as nuvens correm apressadas na direcção do norte d'ella, e impellidas pelo vento das paixões más engrossam, e se amontoam sobre o céu da Catalunha, em cujas alturas é fama, que o pendão da guerra civil, a estrella do Velho Pertendente luziu um momento, e se eclipsou. Continúa abrazada a athmosphera politica de Barcellona, e sob o seu solo volcanico os trovões subterraneos se ameudam. DEUS SALVE A HISPANHA, E A RAINHA!

A sombra da Irlanda evocada á voz magica, e poderosa do seu bom ou máu genio, O'Conell, continúa a pungir a Inglaterra, a cuja ilharga *hoeret lethalis arundo*. No Principado as denominadas filhas de Rebeca (gente serviçal, e mesteiraes disfarçados em mulheres) progridem nas devastações do costume.

PORTUGAL.

2080 No céu puro da nossa terra, puro, e limpo de nuvens, ou quando muito imperceptivelmente annuveado um pontinho escuro assumou, que se bem com a vista desarmada não seja facil enxergal-o, com a lente das paixões e dos interesses avulta negro e encorpado.

ACTOS OFFICIAES.

2081 *Diario do Governo de* 31 *de agosto.* — Portaria do Thesouro contendo instrucções para o cumprimento do decreto de 22 de agosto.

Idem de 2 de septembro. — Portaria da Justiça sobre a inteira desoccupação do edificio da Boa-Hora, e arranjo completo n'elle dos tribunaes, e cartorios.

Idem de 5. — Portaria do Reino approvando o systema de inteireza e severidade, seguido na universidade para com os alumnos distrahidos, ou pouco estudiosos, e contendo a relação dos que perderam o anno, ficaram reprovados ou approvados *simpliciter*. — Outra sobre abusos do privilegio de estanqueiro. — Outra da Fazenda sobre gosarem do beneficio da restituição de metade dos direitos de consumo, que tiverem pago, as fazendas exportadas de Lisboa ou Porto para a Madeira.

Idem de 6. — Portaria do Reino providenciando á conservação do convento de Christo de Thomar. — Outra expressando os casos em que só é licito aos governadores civis dissolver as mezas das irmandades. — Outra mandando annullar a nomeação do medico de partido de Alvaiázere por ser feita em bacharel não formado em medicina.

A SENHORA DAS DORES.

2082 O character honrado e religioso do nosso collaborador e amigo o Sr. *Silva Tullio* é já tão notorio, que nem suspeitas póde haver de que jámais se desaire com mentiras, muito menos com calumnias; mas a boa fé deixa-se tambem ás vezes enganar por velhacos sem sabores, e foi isso o que ao nosso amigo aconteceu, escrevendo o artigo 2018 d'este Jornal.

A rogos e por credito seu, para desaffronta dos offendidos e castigo dos estupidos falsarios, cujas foram as bestiaes informações, que o extraviaram, apressâmo-nos de repôr os factos no seu verdadeiro pé.

A SENHORA DO CABO, trasladada este anno de Bemfica para Rana, não foi depositada na ermida da Exm.ª Condeça dà Ribeira, mas sim na *Capella das Dores* em Belem, onde desde 1808 tem tido sempre em taes occasiões solemne, honrosa e inteiramente gratuita aposentadoria. A Irmandade das Dores bem ao revez de lhe fazer pagar 800 réis diarios de estalagem alegremente dispende com ella nas procissões de entrada e saída, e na illuminação de sua estada; e lhe entrega todas as esmolas de seus devotos.

Por occasião de averiguarmos a fundo tudo isto soubemos que esta Irmandade das Dores, christã pratica, é uma das instituições, que honram a humanidade: modesta, e folgando de ser charidosa sem alardo, accóde com o curativo aos pobres das freguezias de Belem e Ajuda em suas cazas, conduz á sua custa os enfermos para o hospital, e os mortos para cemiterio, e vae buscar os naufragados vivos ou defunctos a qualquer praya perto ou longe, onde lhe consta que o mar os arrojou.

Quasi que estimamos que a nossa folha caísse n'um êrro, que assim nos proporcionou aso para tributar um louvor tanto mais devido, quanto menos ambicionado por aquelles a quem vae tocar.

BIBLIOTHECA DO CHRISTÃO.

Collecção das melhores obras religiosas, tanto antigas como modernas, que se tem publicado em Latim Italiano, Allemão e Francez, traduzidas por uma Sociedade Propagadora do Evangelho.

2083 Esta Collecção comprehenderá as — Obras *Espirituaes* de Fenelon — Obras Selectas de Santo Agostinho — Idem de S. João Chrysostomo — Historia de S. Bernardo e do seu seculo, por Neander — Obras *Espirituaes* de Bossuet — Idem de S. Francisco de Salles — Sermões de Bossuet — Idem de Massillon — Idem de Bourdaloue — Historia da Igreja — Vida de Nosso Senhor JESUS CHRISTO — Exposição do Dogma Catholico, por Mr. Genoude — Genio do Christianismo, por Mr. Chateaubriand — Discurso ácerca das relações que existem entre a Sciencia e a Religião revelada, por N. Wiseman.

A Leitura é uma necessidade geral, que deve ser satisfeita com acerto e meditação: quando os que teem o gravissimo encargo de offerecer as obras ao povo, não tomam em conta estas ponderações — a Leitura, que sendo escolhida, é um bem, torna-se em um mal. — O inteiro conhecimento d'estas verdades nos levou a tentarmos publicar, logo que haja numero sufficiente de assignatura, sob o titulo de — *Bibliotheca do Christão* — uma selecção das Obras Religiosas dos authores mais sabedores e virtuosos; persuadidos de que a sublimidade e pureza da Doctrina, e o respeito e admiração que o mundo tributa aos genios inspirados, que a expozeram, será de per si remedio sufficiente contra a perigosissima innundação de indecencias e crimes, que diariamente se estão traduzindo e publicando. — Como o preço modico por que essas traducções se vendem, seja a causa de tanto se vulgarisarem, não hesitâmos, para levar a effeito o nosso pensamento, ante o sacrificio, de adoptar um preço muito diminuto á — *Bibliotheca do Christão* — que annualmente custará aos Srs. Assignantes que receberem todos os volumes broxados, 2$400 reis; e os que os não receberem broxados, que são os de Lisboa, 1$920 reis; vindo uns e outros a receber por tão modica quantia 6 volumes em 8.º, contendo 420 paginas cada um; desembolsando a importancia da assignatura ao passo que se faz a distribuição da Obra, isto é, os Srs. Assignantes das Provincias pagam 400 réis de 2 em 2 mezes, que tanto tempo leva a publicação de cada volume, que findo esse prazo recebem broxados; e os Srs. Assignantes de Lisboa recebem todas as semanas 3 folhas de impressão ou 48 paginas, pelas quaes pagarão 40 réis no acto da entrega, devendo receber no fim de

cada volume uma capa de papel de côr. Cada volume vender-se-ha avulso por 480 réis.

Julgâmos de tão alto interesse e de tanta importancia a publicação da — *Bibliotheca do Christão* — que esperâmos o indispensavel auxilio dos nossos compatriotas, para podermos apresentar esta luz celeste — ante o ancião, que sente as horas roubarem-lhe a existencia — a virgem, que da vida só conhece a aurora — o mancebo, que no futuro só vê a felicidade — e as mães de familias, que tem em seu poder a perdição ou salvação da humanidade.

(Communicado.)

EDUCAÇÃO.

2084 Foi-nos remettido um programma para a fundação d'um collegio denominado do *SS. Coração de Jesus*, que nos dizem haver-se effectivamente estabelecido na rua de Sancta Martha n.º 23, debaixo da direcção do Sr. D. Jerge Eugenio Locio.

Não nos achâmos ainda hoje em estado de podar dar o nosso parecer sobre a importancia d'este novo estabelecimento de educação. É assumpto grave, requer informações que nos fallecem. Já n'este jornal fallando na facilidade, com que entre nós se permittem estas fundações sem o menor conhecimento da sua direcção, preceptores e fórma de educação moral e litteraria, se ennunciou que restricções se haviam de pôr n'isto á liberdade: bem do coração desejarei que o novo collegio do *SS. Coração de Jesus*, não seja do numero d'esses, que dão aso a se deplorar governativo desleixo, no ponto importantissimo da educação da mocidade. *Silva Leal.*

DESAMPARO DE UM CADAVERZINHO.

2085 A 28 do mez passado ás portas da freguezia de Sancta Justa no extincto convento dos dominicanos d'esta cidade, amanheceu dentro d'um saco preto um rapazinho morto que inculcava seus oito annos. A fama publica fez logo d'elle um recémnascido assassinado. Entretanto segundo as mostras tanto era assassinado como recém-nascido.

Presume-se que por ser pobre a gente a quem pertenceria, e faltarem-lhe os meios, para occorrer ás despezas, não moderadas do enterramento, o iriam de noite a furto, e Deus sabe com quantas lagrimas, depôr sobre o limiar da Providencia.

JORNAL DAS BELLAS ARTES.

RECTIFICAÇÃO.

2086 *Sr. Redactor.* — Tendo escripto no artigo 1987 da Revista Universal sob a epigraphe, o *Photógrapho*, que a Sociedade do Jornal das Bellas-Artes empregára na cópia de quadros, que vae publicar, aquelle instrumento; soube por informação, que teve a bondade de me dar um dos membros d'ella; que fôra infructuosa a operação, tendo obstado ao seu bom êxito varias circumstancias, entre as quaes sobresáem as seguintes; o acharem-se os quadros envernisados de fresco — a humidade athmosphérica, e o sol a descobrir por intervallos n'aquelle dia — o pessimo logar onde se praticou a operação, — e por ultimo o pouco escrupulo do operador. — Tudo isto obrigou o artista e socio encarregado da cópia, a executal-a sem o auxilio da imagem photographica. Parece comtudo que a sociedade não abandonou a intenção de utilisar-se convenientemente das vantagens d'este precioso instrumento, todas as vezes que fôr possivel.

Rogo a V. queira ter a bondade de inserir no seu jornal a declaração d'estes factos, ignorados por mim ao tempo em que descreví algumas das utilidades do Photógrapho.

Lisboa 26 de agosto de 1843. De V.

Joaquim Antonio Marques.

ACHADA DE DINHEIRO MOIRO.

2087 Affirmam-nos que no Algarve em um campo juncto a Silves, revolvendo terra um lavrador, encontrou a pouca profundidade um vaso de barro com medalhas antigas, que se julga serem moiras. Pessoa, que viu uma em mão de um seu amigo aqui em Lisboa, nos disse que a materia d'ella era prata, a fórma um parallelogrammo de menos de polegada de comprido, o cunho de um e d'outro lado, cercadura de folhagem e lettras arabes no centro. — Tudo excellentemente conservado.

Do mais que n'este assumpto liquidarmos daremos conta.

CALORES EXCESSIVOS.

2088 Tinha decorrido geralmente fresco o antecedente mez de agosto, á excepção da sua 2.ª quadra, que permaneceu desde 6 até 9, attingindo o thermometro, nas horas calmosas, 98° F. (29 e meio R); porém aquella frescura terminou com o mez, começando o actual com o desinvolvimento de insólitos e ardentes calores, que hontem, terça feira, chegaram a 99° (30° R) á sombra, e portanto só 4 gráus (um e tres quartos R) inferior ao que experimentámos em 26 de julho. — As manhãs teem apparecido com o céu coberto, extremamente vaporoso, com apparencia de trovoadas, uma das quaes rebentou ao meio dia de sabbado passado, caíndo um raio em uma eira juncto de Bemfica. O sol tem apparecido extremamente descorado; porém lançando seus raios um calor abrazador. — Nas tardes se tem dissipado a maior parte das nuvens, permanecendo o calor durante as noites em 78° e 80°; e apenas baixando a 68° nas madrugadas. Pequenos ventos de Leste ou Nordeste teem mantido esta elevada temperatura, conservando-se o barometro em uma altura superior á média, e como insensivel aos phenómenos que se realisam na athmosphera.

Lisboa 5 de septembro de 1843.

M. M. Franzini.

MÁU REMEDIO PARA PENAS AMOROSAS.

(Carta).

2089 *Sr. Redactor.* — No dia 10 do corrente depois da missa parochial que nos dias sanctos dispensados costuma ser ao nascer do sol, por causa dos trabalhadores a não perderem, o que succederia se ella fosse a outra qualquer hora, aconteceu que ao saír da missa, o povo accodisse aos grandes gritos, que dava Adriano Xavier de Carvalho. Então viram todos sua mulher Armenia da Cunha Guimarães enforcada com um baraço de esparto; com a garganta ferida pelo nó do laço; e com a singularidade de ter o laço duas voltas, e um passador feito da mesma corda, o que só parece ser inventado pelo diabo. O povo attribue este suicidio a ciumes e má educação, etc.

¡ ¡ ¡ ¡ A defuncta só contava 19 annos ! ! ! !

Villa Verde dos Francos 29 de agosto de 1843.

De V. etc.

* *

OS HOMENS E A NATUREZA.

2090 Começavam na cidade d'Angra as alegrias e festas, com que é uso solemnisar o dia de S. João, e que alli principiando na vespera vão continuando por todo o oitavario: era pela volta das 10 horas da manhã do dia 23; grande numero de concorrentes enchia as ruas e praça intendendo cada qual na parte, que lhe tocava, dos preparativos e aprestos, e todos no como festejariam o Sancto com maior apparato, e mais ordenada e ingenhosa pompa; quando no meio d'este fervor e agitação tudo se aquieta e emmudece a um tempo, e só se ouve, e se sente o rouquejar e tremer da terra. Mas logo continúa tudo como d'antes: apenas eram passadas quatro horas, torna-se a sentir um novo tremor, porém ambos sem violencia.

Não ha que estranhar n'aquella ilha estes effeitos; e todos alli ainda que muito os temam, como é razão, contam com elles, como coisa ordinaria, mórmente n'aquella estação; e como passa sem desastre o momento do perigo, logo acaba o temor. Assim foi correndo um espaço egual ao que mediou entre o primeiro e segundo abalo, e era então a maior força das festas; porque corriam as da tarde por conta da irmandade do Sancto: ás danças succediam as cavalhadas (usança antiquissima e pagã, que por muitas vezes e em varias partes temos folgado de vêr desempenhada com grande apparato, e muita destreza, e purificada pelo christianismo das barbaridades, e indecencias só proprias dos pagodes, meijoadas e bebedices dos pagãos, e que por fórma nenhuma se devem tolerar nas festas e culto dos Sanctos; nem ainda nos jogos e divertimentos populares, sem embargo das razões dos muitos républicos e pouco christãos apaixonados das corridas de toiros) todos estavam attentos na cavalhada, no garbo, e primor dos cavalleiros, que eram pessoas de distincção; de repente as acclamações, os applausos, as vozes de dois mil spectadores se convertem em uma só voz, em um só clamor d'afflicção — todos gritam: Misericordia, misericordia, Senhor!

Terceiro terremoto mais violento que os outros veio misturar o susto e o pavôr no meio das festas; e podéra causar muitas mortes, e desgraças, se o proprio susto, ou a prudencia das auctoridades, e pessoas principaes, que ficaram sem mover pé no logar onde eram, não desse o exemplo aos demais, para que se conservassem em quietação, e não fugissem atropeladamente, nem se precipitassem dos camarotes e palanques.

Foi assim que se evitaram incalculaveis desastres, e o divertimento pôde continuar até noite: mas foi depois interrompido nos dias seguintes; porque continuavam os tremores de terra por fórma tão assustadora, que as festas de alegria se converteram em penitencia, e preces desde o dia de S. João até ao 26 d'esse mez. Logo juncto ao ultimo tremor de que fallámos, succedeu outro menos forte: pelas tres horas da manhã seguinte um tão violento, acompanhado de grande trovão subterraneo, que muitas pessoas o julgaram egual ao que, havia dois annos, tinha arrasado a villa da Praia. Seguiram-se ainda mais dois com menor força, um ás 5, e outro ás 8 horas da manhã do mesmo dia.

Com taes sustos foram interrompidas as festas (e louvores a Deus, e ao Sancto, não houve mais para interrompel-as que sustos e temores) e assim recomeçaram no dia 28, e continuaram com muita devoção, ordem, e decencia.

Silva Negrão.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO MEZ DE JUNHO DE 1843.

2091 Temperatura média das madrugadas 56°,7 F. — dicta nas horas de maior calor 73,3 — dicta média do mez 65° — variação média da temperatura diurna 16°,6 — maior variação de calor diurno, em 11 do mez, 30° — maior frio, a 5 do mez, 50° — maior calor a 11 do mez, 85° — menor altura do barómetro, a 2 do mez, 747,8 millimetros — maior idem, a 5 do mez, 763,4 — média do mez 757,1, reduzidas á temperatura de 61°.

Ventos dominantes, contados em meios dias, — N, 12 — NO, 12 — O, 4 — SO, 26 — NE, 2 — SE, 1 — B, 3.

Estado da athmosphera, — Dias claros 8 — claros e nuvens 6 — cobertos 5 — cobertos e clarões, inclusivè quatro de chuviscos inapreciaveis 7 — chuva 4 — nevoeiros 1 — ventosos 13 — de calor notavel 1.

Quadras dominantes foram quatro: a 1.ª de 3 dias frescos, céu coberto, e um dia de chuva copiosa com ventos do SO: a 2.ª de 15 dias frescos; apparecendo um só de calor notavel; athmosphéra quasi sempre coberta, e ventos do N a SO, algumas vezes rijos; a 3.ª de 10 dias frescos, céu coberto, chuvas e chuviscos alternados, predominando os ventos do SO: a 4.ª e ultima de 2 dias frescos nas madrugadas e tardes, céu claro, e ventos rijos do NO.

Foi por consequencia este mez mui fresco decorrendo a sua temperatura quasi 4 gráus mais fria do que a normal deduzida das antecedentes observações, fazendo-se egualmente notavel pela quantidade de chuva em que abundou, a qual subiu a 29 millímetros, ou quasi nove canadas por braça quadrada, o que equivale ao triplo da chuva regular que costuma caír em Junho, sempre escasso de aguas no nosso clima, assim como todos os outros mezes do verão. Foi egualmente mui ventoso.

Phenómenos notaveis — Nos dias 23 e 24 sentiram-se fortes abalos de tremor de terra na ilha Terceira, sendo assás violento o que houve na madrugada de 24, acompanhado do surdo trovão subterraneo, que quasi sempre annuncia os terriveis resultados daquelle phenómeno. Felizmente não produziu estragos, limitando-se a diffundir o terror entre os habitantes, que se achavam entretidos com os costumados festêjos de S. João.

Noticias agronómicas. — A notavel frescura d'este mez, e as insólitas chuvas, e principalmente os repetidos chuviscos foram mui desfaveraveis á fructificação das plantas e das arvores, que se não desinvolveram em proporção do que indicavam as lisonjeiras apparencias da primavera; e ainda que utilisaram aos cereaes serôdios, principalmente aos milhos, foram porém pouco proveitosas aos temporãos. As vinhas e olivaes teem raleado os seus fructos pendentes, e os de pevide e caroço tem escasseado, especialmente os pecegueiros, que dão mostras do insignificante novidade.

Necrologia de Lisboa e Belem. — Foram sepultados 476 cadaveres, sendo 257 do sexo masculino, e 219 do feminino; maiores 297, e menores 179. Este mez,

o mais saudavel para os moradores d'esta capital, não desmentiu a sua benefica qualidade characteristica, offerecendo ainda uma diminuição de tres óbitos sobre o numero normal deduzido das observações dos annos antecedentes.

M. M. Franzini.

ACCIDENTE DESASTROSO.

2092 Eram quasi duas horas da noite de 10 do presente, e apóz um silencio profundo ouvem-se pela praça dos estudantes frequentes gritos de afflicção; nuvens de fumo, e um clarão immenso annunciavam grande incendio. Ardia effectivamente o formoso predio do Sr. Marcellino de Vasconcellos, escrivão da camara ecclesiastica, que ás 7 horas d'essa mesma noite havia saído da cidade com sua familia, deixando em caza uma criada, e uma sobrinha entrevada. Ainda não havia hora que a criada corrêra toda a casa receosa de ladrões, e tão de vez se deitou, que nem os brados da sentinella do aljube (quasi paredes meias com a caza), que foi a primeira que deu pelo fogo, nem os do povo, que se ía junctando para lhe accudir, valeram a acordal-a; ao estrondo das valentes coronhadas a arrombar as portas, é que despertou gritando —*aqui d'el-rei*, *ladrões*, a tempo que o fogo já lavrava por todas as aguas furtadas, onde principiára.

Accudiu breve a bomba do bairro alto, e algum tempo depois as outras duas da cidade; e ainda que a principio não houve bom accordo em dirigil-as, todavia póde obstar-se á propagação do fogo além do predio, ardendo só parte do telhado do mais visinho, e diminuir-se a sua vehemencia a ponto de salvar-se toda a mobilia do 1.° e 2.° andar, não perecendo coisa de valia, á excepção de alguns papeis, cuja importancia é por ora desconhecida; mas a final estes andares tambem arderam, ficando apenas intactas as lojas.

É para louvar a promptidão e boa vontade, com que todos se prestaram aos mais pesados serviços, e muito especialmente a intrepidez e diligencia com que se houveram alguns estudantes, salvando a aleijada com grande risco, cortando traves, dirigindo a agua, e finalmente acarretando-a aos proprios hombros; distinguiu-se sobre todos o Sr. Rocha, da ilha Terceira. Mereceram tambem elogios os Srs. Dr. Agnello, José Maria Pereira, Guerra, e outros muitos individuos de condicção mimosa, que seria longo nomear, pelo zêlo e actividade com que se portaram, dando á bomba, dirigindo, e aconselhando os operarios.

É lastima, que se demorassem as escadas, os machados, e outros utensís de urgencia. Cremos, que a illustrissima camara, tão zelosa, como é, pelo bem publico, ordenará a compra d'estes apréstos, e seu deposito em logares convenientes, evitando assim os males de sua demora. Seria tambem para desejar, que um homem intelligente dirigisse a companhia dos bombeiros, não deixando a arbitrio dos pobres artífices fazer o que lhes parece, ou o que oútros menos intendidos lhes intimam.

Coimbra 12 de agosto. *R. de Gusmão.*

Sentimos que a falta de espaço nos não permitta lançar já aqui outra carta, que sobre a mesma materia nos escreveu o Sr. Verissimo Alves Pereira. Contém ella muitas lembranças uteis para accudir aos incendios. Em um dos proximos numeros a daremos.

HYDROPATHIA DEVOTA.

(Carta).

2093 *Sr. Redactor.* — Não possuindo a penna, com que foram escriptas as aureas facécias do *Lutrin* e do *Hysope*, cumpria-me, talvez, não lançar mão d'esta — mal aparada em toda força da expressão — para levar ao conhecimento de V. um facto, que mais que muito carecia de um genio zombeteiro, que o descrevesse: não querendo, porém, que elle fique em silencio; e, tendo a quasi certeza de que ninguem se fará cargo de o communicar, — ahi vae elle contado, sem mais preambulos, e pobre d'eloquencia, que não de verdade, podendo V. , a seu bel prazer, corrigir a phrase, não só porque o considero como eximio sabedor da nossa lingua, mas tambem porque a minha habitual preguiça (que todavia não reputo com a força, que lhe dá o auctor das maximas moraes, mormente nos sentimentos ainda proprios dos meus annos) não me permitte offerecer um artiguinho, digno de ser publicado na *Revista Universal*, sem as competentes emendas.

É o caso.

Não longe da muito antiga e parochial egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Senhorim, passam dois ribeiros — Machos lhes chama o vulgo — um se denomina e *Castello* e outro não sei como: — não ha memoria do tempo em que certa gente, e com especialidade do sexo devoto — para lhe não junctar outro epiteto, que, na actualidade, alguem attribuiria a despeito, que, por ora, não tenho contra todo elle — começou de tomar banhos na confluencia, que fazem juncto á capella de Nossa Senhora do Viso, em a noite de S. Bartholomeu, como remedio, de todos os males, não excluindo até os do coração. Era, porém, a principio o concurso pouco e todo d'esta freguezia, ou das limitrophes. . . ; ¡mas hoje! graças a. . . . . ¿que sei eu? Encha V. esta reticencia, segundo lhe aprouver.

Concorrem alli pessoas de differentes classes e de longes terras; sendo em maior numero as das prayas do mar, com morphéa, e outras molestias. — Cifra-se toda a ceremonia em cortar a agua de mergulho, e em fórma de cruz, com algumas pedras de sal na mão, que devem ser expellidas, no momento de invocar o patrocinio do Sancto d'aquelle dia, pedindo-lhe que a agua extinga os seus males, como aquellas pedrinhas se derretem n'ella. N'isto é que está a virtude, como ensinam os praticos, com tanto que não falleça a fé sempre necessaria em similhantes actos.

Presenciei, n'este anno, pela primeira vez, esta funcção a que, egualmente, foram bastantes curiosos, com diversas intenções — alguns desapertaram sáias e collêtes, tendo a fortuna de prestar *outros serviços*, a quem procurava o seu remedio, eu, pela minha parte recolhi cançado, assim como já o estou de escrever. — Concluo, portanto, com Byron, *my native land, good night.*

Senhorim 24 de Agosto de 1843.

N.